

O fruto permitido: carnalidade e espiritualidade na poesia de Denise Emmer

Raquel Naveira*

Pesquisador Autônomo, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil
E-mail: raquelnaveira@gmail.com

EMMER, Denise. *O amor imaginário*.
Rio de Janeiro: 7Letras, 2022.

A criação intelectual, conforme nos explicou Rainer Maria Rilke, em *Cartas a um jovem poeta*, provém da criação carnal, é da mesma essência (Rilke, 2013, p. 40). É o enlevo eterno da volúpia do corpo em sentir-se gerador, capaz de conceber e moldar o objeto artístico. Com plenitude íntima, Denise Emmer, musicista, graduada em Física, autora de livros de poesia, romance e contos, detentora de vários prêmios relevantes, dá à luz a sua poesia de amor imaginário e, porque imaginário, tão real. Misturando desejo e concentração interior que leva às alturas espirituais, oferece-nos um fruto – permitido – que enche a língua, que nos traz sensações, lembranças, estímulos, aflições, conhecimento do mundo:

Editor-chefe
Anélia Pietrani Correio
Laíse Ribas Bastos
Maria Lucia de Faria Correio

Recebido: 23/10/2023

Aceito: 23/10/2023

Como citar:

NAVEIRA, Raquel. O fruto permitido: carnalidade e espiritualidade na poesia de Denise Emmer. *Revista Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, v.15, n.29, e61644, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/flbc.2023.v15n29e61644>

* Graduada em Língua, Literatura e Civilização Francesas pela Universidade de Nancy e mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Foi professora titular da Universidade Católica Dom Bosco (MS), durante 19 anos. Atualmente, ministra aulas de Comunicação Aplicada na Faculdade de Tecnologia em Hotelaria, Gastronomia e Turismo de São Paulo (HOTEC/SP) e na Pós-Graduação da Universidade Anhembi Morumbi (SP).

Atravessava uma rua
enquanto os carros dormiam
uma mulher cantava
o gozo das magas nuas

meu corpo, uma blusa aberta
a receber ventanias
respirava espasmos frios
em meu coração novinho

alguma coisa mudava

o batimento dos mundos
das campanas que ecoavam
eu ouvia os timbres mudos

escutava os mais distantes
sussuros de beijos longos
o enroscar-se dos panos
em leitos que não existiam

(Emmer, 2022, p. 29).

Denise dedica *O amor imaginário* (Rio de Janeiro, 7Letras, 2022) a Arquimedes, um homem que nunca existiu de fato, um homem inventado por ela no ímpeto da adolescência e por quem se apaixonou. Ela o via caminhando pela orla da Lagoa, no Rio de Janeiro, perto de sua casa. Era magro, de barba negra e olhar perdido. Aparecia subitamente sentado numa das poltronas do ônibus e, de repente, desaparecia. Era “o invisível ser”, que se materializava vestido como um monge. A partir dessa ideia, Denise desenvolve um poema único, às vezes lúbrico, outras vezes luminoso, quase narrando uma história, sobre aquele primeiro que a fez “[...] latejar os dedos/ na ânsia de tocar um pássaro” (p. 25).

E assim, vamos nos deslocando por ruas e florestas com a poeta e o “vulto sem ossos” (p. 82) de seu amante, numa torrente de imagens líricas que nos fazem chorar de beleza e melancolia: “por enquanto as folhas caem/ nas calçadas e se juntam/ às chuvas dos astros raros/ que se desprendem dos postes” (p. 31); “Ele é um rei noturno/ mas tem as capas cansadas/ por isso as deixa sentadas/ em tronos que não existem” (p. 67); “se antes não me enxergava/ agora, me revirava// meu avesso, o seu desígnio/ minhas florestas,/ seu uivo” (p. 83); “[...] beijou-me como se um naufrago/ em mares já afundados// e me deu o seu cansaço/ trancou a porta da noite” (p. 84).

A segunda parte do livro, “Poemas de Cordas & Almas”, reúne quinze peças, mostrando a ligação da autora com a música, essa linguagem universal e divina, como afirmou Beethoven, citado pela autora na abertura da segunda e última seção (p. 89). Denise parece se dividir entre duas expressões: “Na minha cabeça/ só existe música/ e não há lugar para a palavra.// Quando ela chega/ eu a sopro como uma flauta de asas/ e ela se desfaz/ qual papéis antigos.” (“Na minha cabeça”, p. 91).

Poesia e Música tomam conta da alma dessa esplêndida multiartista, que ama as cordas dos violoncelos, as harpas, os pianos, as sinfonias, as orquestras, os solos de jazz, os solfejos, as clarinetas, as flautas dos anjos, as vozes da lua, as melodias vindas do infinito.

Uma volúpia carnal e espiritual nos toma em versos como estes, de “Lâmpadas”:

Passamos a noite eu e ele
acendendo lâmpadas ocas
ele acendia-me a boca
eu clareava seus ombros

Passamos a noite eu e ele
do verão à madrugada
de um quarto para outro tempo
que não este, mas o além
onde moram os invisíveis

Passamos a noite eu e ele
acendendo muitas lâmpadas
para nos vermos no espanto
e descobriremos quem somos.

(Emmer, 2022, p. 104).

Tudo embalado em dó maior, em tom menor, em teclas e cordas que tocam profundos silêncios.

Referências

EMMER, Denise. *O amor imaginário*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta / A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke*. Biblioteca Azul. 3. ed. Tradução de Paulo Rónai e Cecília Meireles. São Paulo: Globo, 2013.